

Artigo | Dossiê Intelectuais, movimentos políticos e protagonismo popular

Os dilemas e incertezas do personagem Mario Conde na obra “Pessoas decentes” de Leonardo Padura: uma análise a partir do regime de historicidade presentista

Gisele Pinheiro da Cunha, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro* ✉  

Palavras-chave:

Mario Conde;
dilemas;
presentismo

Resumo. Este artigo tem como objetivo apresentar alguns dilemas do personagem Mario Conde na obra *Pessoas decentes* (2023), como representações das incertezas do atual regime de historicidade presentista. Escrito pelo autor cubano Leonardo Padura, o livro é um romance policial que acompanha a trajetória do ex-detetive Mario Conde que volta às atividades de investigação para resolver dois casos de assassinato. A história se passa em março de 2016, no contexto do show da banda Rolling Stones em Havana e da visita do presidente Obama. Nesse cenário, Conde faz reflexões sobre o medo da solidão e dos amigos não retornarem para Cuba, sobre a permanência do passado e as incertezas em relação ao futuro do país. Esses dilemas, assim como os comportamentos de seus amigos e da sociedade cubana, podem ser interpretados a partir das noções de memória, trauma, presentismo e acontecimento, marcando uma nova relação com o tempo na contemporaneidade.

Keywords:

Mario Conde;
dilemmas;
presenteeism.

[EN] The dilemmas and uncertainties of the character Mario Conde in the book “Decent people” by Leonardo Padura: an analysis based on the presentist regime of historicity

Abstract. This article aims to present some of the dilemmas of the character Mario Conde in the book *Decent People* (2023), as representations of the uncertainties of the current regime of presentist historicity. Written by Cuban author Leonardo Padura, the book is a detective novel that follows the path of former detective Mario Conde, who returns to investigative activities to solve two murder cases. The story takes place in March 2016, against the backdrop of a Rolling Stones concert in Havana and President Obama's visit. Against this backdrop, Conde reflects on his fear of loneliness and of friends not returning to Cuba, the permanence of the past, and the uncertainty surrounding the country's future. These dilemmas, as well as the behavior of his friends and Cuban society, can be interpreted through the lens of notions of memory, trauma, presentism, and event, marking a new relationship with time in contemporary society.

Palabras clave

Mario Conde;
dilemas;
presentismo

[ES] **Los dilemas e incertidumbres del personaje Mario Conde en la obra “Pessoas decentes” de Leonardo Padura: un análisis desde la perspectiva de la historicidad presentista**

Resumen. Este artículo pretende presentar algunos dilemas del personaje Mario Conde en la obra *Pessoas decentes* (2023), como representaciones de las incertidumbres del actual régimen de historicidad presentista. Escrito por el autor cubano Leonardo Padura, el libro es una novela policial que sigue la trayectoria del ex detective Mario Conde, quien regresa a las actividades de investigación para resolver dos casos de asesinato. La historia transcurre en marzo de 2016, en el concierto de los Rolling Stone, en La Habana, y la visita del presidente Obama. En este contexto, Conde reflexiona sobre su miedo a la soledad y de que sus amigos no regresen a Cuba, la permanencia del pasado y la incertidumbre sobre el futuro del país. Estos dilemas, así como el comportamiento de sus amigos y de la sociedad cubana, pueden interpretarse a través de las nociones de memoria, trauma, presentismo y acontecimiento, marcando una nueva relación con el tiempo en la época contemporánea.

Introdução

Na contemporaneidade, o campo da História é marcado pela crescente demanda social por conhecimento da história recente. Em tempos de crise, há no debate público a necessidade de se revisitar o passado próximo e de se apurarem crimes contra a humanidade, dando destaque para os relatos de vítimas e sobreviventes. Analisando as ideias de Henry Rousso, Marieta de Moraes Ferreira (2012) considera que a memória dos grupos sociais que viveram eventos traumáticos demanda uma “História do Tempo Presente”. Nessa perspectiva, o tempo presente é um período móvel que se desloca com o desaparecimento progressivo das testemunhas (Ferreira, 2012, p. 109).

A História do Tempo Presente na América Latina desenvolveu-se, assim como na Europa, “[...] na névoa dos traumas coletivos que não poderiam ser simplesmente esquecidos” (Araujo, 2022, p. 153). Pensando em um recorte cronológico para essa história latino-americana, pode-se considerar, também, a Revolução Cubana de 1959 como um “acontecimento-chave”, um “evento-ruptura” que age, ainda, em nosso imaginário político (Araujo, 2022). Pelo seu caráter inacabado, fazer uma História do Tempo Presente de Cuba, por exemplo, requer não somente analisar a atualidade e o

imediatos, mas um passado próximo, retomando, inclusive, eventos traumáticos e desdobramentos da própria Revolução Cubana.

Lançado em 2023, no Brasil, o livro *Pessoas decentes*, de Leonardo Padura, configura um retrato da complexidade da história recente de Cuba. A demanda social pelo fim do embargo permeia a trama, assim como a dúvida quanto à reaproximação entre Cuba e Estados Unidos nas primeiras décadas do século XXI. Trata-se das memórias de uma geração que viveu o período de maior “ofensiva revolucionária” e que busca por justiça, assim como uma população cada vez mais empobrecida, a qual lida, constantemente, com crises de abastecimento e de energia. Na obra, passado e presente, ficção e realidade, otimismo e pessimismo encontram-se em uma narrativa que pode ser fonte para serem pensados os dilemas da ilha.

Nascido em Havana, em 1955, Leonardo Padura é escritor, jornalista, pós-graduado em Literatura hispano-americana pela Universidade de Havana, sendo o romancista cubano mais traduzido fora do país. Ganhou reconhecimento internacional com a série de livros *Estações Havana* (tetralogia publicada entre 1991 e 1998), tendo como personagem principal o investigador Mario Conde. A série é composta por *Passado perfeito* (1991), *Ventos de quaresma* (1994), *Máscaras* (1997) e *Paisagem de outono* (1998), representando as quatro estações do ano. Todos são ambientados em Havana ao longo de 1989, ano que representa a dissolução da União Soviética e as dificuldades econômicas de Cuba diante da redução do apoio externo. Nessa perspectiva, 1959 e 1989 marcam “[...] um ‘antes’ e um ‘depois’ para as experiências sociais do povo” cubano (Costa, 2019, p. 363).

O detetive Mario Conde também é uma figura central em obras como *O homem que amava cachorros* (2013), *Hereges* (2015) e *Pessoas decentes* (2023), o seu lançamento mais recente. Se em *Estações Havana* Conde tem 36 anos, é aspirante a escritor e está em idade ativa de trabalho, em *Pessoas decentes* está na faixa dos 60 anos e aposentado. Mas ainda possui o hábito da escrita e retoma as atividades investigativas a pedido de um ex-colega de profissão. Segundo o próprio Padura, em entrevista ao jornal *Outras Palavras*, Conde, “[...] com esse processo temporal, tornou-se mais cético, mais irônico,

mais desencantado, mais pessimista. Mas tudo isso estava se gestando desde que o esbocei pela primeira vez” (Padura [...], 2024).

Crítico ao embargo econômico, aos retrocessos do governo de Donald Trump e aos rumos que foram sendo tomados pelo próprio regime cubano, Padura expõe, em suas obras, uma perspectiva crítica em relação a um futuro igualitário na ilha. Mas não há, necessariamente, um discurso contrarrevolucionário em seus textos. Padura apresenta ao leitor um ambiente complexo, marcado por desilusões e por desejos não atendidos, buscando estimular reflexões sobre a Revolução Cubana e a forma como se manifestou, de diferentes formas, na vida das pessoas. Analisando a série, Rodrigo de Freitas Costa aponta que a singularidade não está nas conclusões e nas resoluções dos crimes, mas na força reflexiva das obras (Costa, 2019, p. 364-365).

Vale ressaltar que a literatura cubana contemporânea afasta-se dos modelos artísticos incentivados pela Revolução. Desde a década de 1990, as temáticas nacionalistas e de exaltação histórica, premiadas pelo regime, são colocadas de lado em prol de abordagens críticas e intimistas e escritas mais livres e experimentais que se detêm no presente (Cardoso, 2011, p. 116-117). Esse alargamento de perspectivas e estilos é perceptível em Padura. Nesse sentido, Rosane Cardoso destaca a nostalgia e a presença do passado em suas obras “[...] como um tempo ideal ou do momento de uma perda muito significativa” que leva a um estado de desilusão no presente (Cardoso, 2011, p. 119).

Dessa forma, a perda de liberdade no período pós-revolucionário e as suas consequências no presente são temáticas que se repetem em seus livros. Maria Analice Pereira da Silva analisa *Hereges* (2015) e *O homem que amava cachorros* (2013) a partir dos sentimentos de ódio e compaixão, decorrentes de uma “utopia pervertida”, a qual representa as contradições da Revolução Cubana, uma “[...] revolução prometida, um futuro promissor e livre e que, em sua práxis, demonstrou exatamente o contrário” (Silva, 2016, p. 75). Nesse sentido, o que os personagens buscam é “[...] aquela liberdade que lhes foi negada pelas forças históricas desse tempo de dor, de ódio” (Silva, 2016, p. 77-78).

Outros pontos em comum das obras de Padura são o entrelaçamento de duas ou três narrativas em diferentes tempos e que abrangem um longo período histórico. Nesse processo, o autor adentra a vida privada, nos meandros e contradições dos personagens (Silva, 2016, p. 70-71). Os enredos também partem de investigações de assassinatos e desaparecimentos, muitas vezes envolvendo funcionários do governo e casos de corrupção. Em, por exemplo, o recurso de divisão da série destaca um “tempo da natureza” em que os problemas sociais e crimes se repetem, assim como as estações do ano (Costa, 2019, p. 364).

Sobre a narração, Silva destaca que o personagem-narrador de *O homem que amava cachorros* coloca cada um dos personagens “[...] em posição de análise e julgamento, em que praticamente nenhum escapa” e “[...] demonstra sempre as várias faces de uma mesma situação” (Silva, 2016, p. 72). Em *Pessoas Decentes*, esses pontos também são perceptíveis. A narrativa é contada em terceira pessoa por um narrador onisciente. O leitor tem acesso aos pensamentos de Mario Conde e, a partir de sua perspectiva, aos comportamentos e opiniões de seus amigos, da população de Havana e das vítimas das políticas repressoras da década de 1970. Ficam evidentes, então, as diferentes facetas que compõem um mesmo evento ou época histórica.

Cabe apontar que o título da obra faz referência a uma reflexão constante de Conde sobre o conceito de decência. Assim como em *Hereges*, o personagem busca o sentido exato de uma palavra, analisando os personagens de sua investigação e de suas crônicas e questionando a própria definição dos dicionários. Em *Pessoas decentes*, o conceito é entendido como “[...] a dignidade nos atos e nas palavras, de acordo com o estado ou qualidade da pessoa” (Padura, 2023, p. 185).

Conde define como “pessoas decentes” Arturo Saborit, personagem da trama que está escrevendo, e José José Pérez Pérez, historiador culpado pelos assassinatos investigados. Em contraposição, Reynaldo Quevedo e Marcel Robaina não são apresentados como pessoas decentes. Em relação à Quevedo, Conde justifica que “[...] reprimiu milhares de pessoas por não serem suficientemente puras, enquanto ele roubava, subia na vida, pagava por sexo tanto na Bulgária quanto em Cuba, tanto pela

frente como por trás [...]” (Padura, 2023, p. 260). Esse comportamento imoral é relacionado às experiências traumáticas e abusos de poder ainda não julgados da ilha.

Quanto ao gênero literário das obras, seja romance histórico (Silva, 2016), romance policial (Costa, 2019) ou mistura de gêneros (Cardoso, 2011), é interessante destacar, principalmente, a apropriação do realismo e da história. Segundo Costa, as representações realistas permitem a criação de personagens comuns que, no cotidiano, problematizam e ressignificam as ações do governo. A posição desses personagens marca a forma como o autor atribui sentido ao passado recente do país (Costa, 2019, p. 366). E ao mesmo tempo que escreve ficção, Padura também faz história, “[...] uma vez que, mesmo acerbado da sua liberdade de inventar, é a um chão histórico real que seus romances se ligam por meio de ações e comportamentos e sentimentos de seus personagens” (Silva, 2016, p. 87).

A partir desse debate inicial, este artigo tem como objetivo apresentar as reflexões de Mario Conde e o contexto cubano em *Pessoas decentes* e explorá-los a partir da questão do presentismo, analisada por François Hartog (2017) e Henry Rousso (2016). Nessa discussão, serão abordados os temas da memória, do trauma, dos acontecimentos e das catástrofes, relacionando-os com o contexto e os dilemas de Conde. A análise se estende também para os comportamentos da população de Havana, entre elas as vítimas de Reynaldo Quevedo e os amigos do detetive. O artigo, então, busca trazer contribuições para o debate sobre o contexto cubano no século XXI e os desafios da História do Tempo Presente, enquanto um campo que lida com a memória, as testemunhas vivas e a crise do futuro.

Primeiramente, o personagem Mario Conde é apresentado, bem como as suas investigações e o contexto histórico em que está inserido. A história se passa em março de 2016, na cidade de Havana, durante o show da banda inglesa Rolling Stones e a visita do presidente norte-americano, Barack Obama. Também será feita uma exposição, a partir da perspectiva do detetive, dos comportamentos da população diante dos eventos, além de uma breve descrição da abertura econômica do regime a partir da década de 1990 e suas principais consequências.

Em seguida, serão expostos os dilemas e as incertezas de Conde nesse contexto, principalmente o medo da solidão diante das ondas migratórias, a falta de perspectiva em relação ao futuro e o receio da volta das políticas repressoras do passado. Nas últimas duas seções, será feita uma interpretação desses dilemas e da trama a partir das discussões sobre presentismo, tendo como base Hartog (2017) e Rousso (2016). Mais do que reflexões individuais, entende-se que a narrativa envolve vários personagens cujos dilemas estão entrelaçados e formam um fenômeno coletivo, uma nova forma de se relacionar com o tempo na contemporaneidade.

O personagem Mario Conde e o contexto histórico de “Pessoas decentes”

A obra *Pessoas decentes* acompanha as novas investigações do personagem Mario Conde, caracterizado como “pessimista”, “cético” e “[...] obstinado recordador, quase um memorioso” (Padura, 2023, p. 11). Há décadas afastado da polícia criminal, Conde dedica-se a um negócio pouco lucrativo de compra e venda de livros usados e, para complementar a sua renda, passa a trabalhar como vigia noturno no “*La Dulce Vida*”, restaurante para os “novos-ricos locais” que pertence a um amigo. A amizade, inclusive, assume papel central na vida de Conde, sendo descrito, inclusive, como “possessivo com os amigos” (Padura, 2023, p. 264).

O personagem mantém, ainda, as suas aspirações literárias. A partir de documentos da época, escreve uma crônica sobre um caso de assassinato de uma prostituta em Havana no início do século XX. A história tem como personagens centrais o tenente Arturo Saborit, que acompanha o caso, e o político conservador Alberto Yarini, explorando a aproximação entre eles e tendo como pano de fundo as tensões pelo domínio dos negócios de prostituição na ilha. Envolvido por essa trama, contada em paralelo, Conde faz divagações históricas que refletem tanto a sua perspectiva crítica em relação ao passado quanto expressa as próprias incertezas quanto ao futuro.

Cabe destacar que Conde volta às atividades de investigação para ajudar a solucionar o caso do assassinato de Reynaldo Quevedo, ex-funcionário do Estado que havia perseguido e censurado artistas décadas antes. Retratado como “furioso repressor”, Quevedo é considerado um representante da “pureza ideológica” imposta pelas autoridades em nome da “arte revolucionária” e “do mundo feliz habitado pelo Homem Novo” (Padura, 2023, p. 34)¹.

Sobre essas críticas ao regime, vale ressaltar a perspectiva de Gisele Cristina dos Anjos Santos (2021). A autora considera que o Estado socialista cubano foi marcado por sistemas de opressão de gênero, raça e sexualidade, institucionalizados a partir da década de 1970. As políticas de repressão atingiam, principalmente, artistas e intelectuais negros ou homossexuais que debatiam questões raciais, já consideradas superadas pelo discurso oficial, ou que tinham condutas consideradas impróprias pelo governo. Eram perseguidos, presos, tinham as suas obras retiradas de circulação, sendo enviados, ainda, às Unidades Militares de Ajuda a Produção (UMAP's) para serem “reeducados”. Nesse sentido, apesar dos avanços sociais da Revolução, “[...] a moral socialista defendida pelo governo cubano esteve norteadada por parâmetros que podiam ser vinculados a valores da velha moral burguesa, que historicamente privilegiou a figura do homem branco, proprietário e heterossexual” (Santos, 2021, p. 265).

Nesse sentido, Rodrigo de Freitas Costa (2019) aponta que Padura questiona discursos revolucionários que buscam “[...] singularizar o passado e direcionar as perspectivas de futuro” (Costa, 2019, p. 368). O autor aborda períodos de abusos de poder e de homogeneização artística, silenciados pelas narrativas oficiais, além de uma fase mais recente de abertura econômica do regime. E percebe como esses processos concretizam-se “[...] na vida das pessoas por meio do desencantamento com o presente e, muitas vezes, a ausência de esperanças” (Costa, 2019, p. 369). Em *Pessoas decentes*,

¹ Enquanto aspirante a escritor, o próprio Conde considera-se um artista, com as suas necessidades e sensibilidades nem sempre entendidas (Padura, 2023, p. 329). Assim como os artistas da década de 1970, também possui traumas, inseguranças e medos relacionados a seu contexto histórico.

esses pontos estão representados na vida de Conde, inclusive por não ter conseguido tornar-se um escritor profissional e, nas dificuldades do dono do *“La Dulce Vida”*, manter os seus negócios. Também estão presentes nos relatos das testemunhas das ações de Quevedo e na ânsia por justiça.

Investigando o assassinato de Quevedo, Conde centra-se em elucidar quem o matou e mutilou, com que intenções e se o crime foi motivado por vingança do passado ou por ajuste de contas no presente, por herança ou por roubo das obras de arte que havia tomado de artistas e vendia ilegalmente. Mas o caso ganha uma nova complexidade ao descobrirem que o ex-genro e parceiro comercial de Quevedo, Marcel Robaina, também foi torturado e assassinado em condições semelhantes. Interrogando parentes, artistas e funcionários da casa de Quevedo, Conde descobre o caso amoroso de Quevedo com Victorino Almeida e a relação entre as suas perseguições e o suicídio da poeta Natalia Poblet. Este caso específico leva os investigadores até o nome de José José Pérez Pérez, historiador e ex-namorado de Poblet.

Tendo como prova um teste de DNA que corresponde aos vestígios encontrados na cena do crime, José José é considerado culpado pelos dois assassinatos. Em seu depoimento, o acusado explica que ele e a namorada cursavam História na década de 1970, mas foram expulsos da universidade, pois a disciplina era considerada “ideológica” e não deveria ser cursada por católicos praticantes como eles. Acusada de ser “contrarrevolucionária”, e chantageada por Quevedo, Natalia cometeu suicídio em 1978.

Outro ponto importante é que, na época em que namoravam, José José deu à Natalia um sinete de ouro herdado por ele e que havia pertencido a Napoleão Bonaparte. O objeto desapareceu pouco tempo depois. Em um interrogatório final, o historiador assume ter torturado Robaina, o qual confessou que o sinete estava com o ex-sogro. Então, foi até a casa de Quevedo e o empurrou, resultando em sua morte. Seja motivado por vingança ou para exigir informações, Conde “[...] tendia a ver o homicida como um justiceiro, um homem capaz de se sacrificar para saldar uma

vilania. E, em uma época que imperavam os egoísmos, as cobiças e as ingratidões, suas ações redentoras eram quase um luxo” (Padura, 2023, p. 314).

Mas as investigações não terminam com a confissão de José José. A mutilação dos dedos de Quevedo e o paradeiro do sinete de Napoleão ainda são um mistério. Até que Aurora, funcionária da casa de Quevedo, confessa aos investigadores ter mutilado o patrão por raiva e para proteger seu neto, Victorino. Em seguida, deu ao neto o sinete para que ele pudesse vender e partir para os Estados Unidos.

Vale ressaltar que essa trama de investigações de Mario Conde se passa na cidade de Havana em março de 2016, durante os dias da visita do presidente Barack Obama² e do show da banda Rolling Stones³. Segundo o próprio narrador, esses eventos atraem milhares de turistas e mobilizam a população da cidade, entusiasmada com a possível suspensão do bloqueio econômico. Após a chegada de Obama, por exemplo, destaca-se que “[...] só se falava da visita e das palavras” do presidente “[...] que propusera uma mudança de atitudes, virar páginas infames da política de seu país, reconstruir alguma coisa, abrir caminhos” (Padura, 2023, p. 232). Nesse cenário:

Havana está fervendo. Exércitos de jornalistas, empresários, turistas, curiosos. Entusiastas, otimistas, nihilistas. Contrariados e esperançosos. E muitos policiais, todos os policiais. As pessoas coladas na televisão. Sabe-se que Obama está falando com dissidentes, com empreendedores, é visto reunido com dirigentes cubanos. Veja como Obama está grisalho, Obama está sempre rindo, olha que mulher de classe é Michelle. Visita histórica, muito bem. Os consabidos tambores

² Obama chegou no dia 20 de março de 2016 e ficou três dias em Havana. Teve como eventos oficiais uma cerimônia na Catedral de Havana e um encontro com o então presidente de Cuba, Raúl Castro. Essa foi a primeira vez que um presidente norte-americano visitou a ilha em 88 anos. Em 2014, Castro e Obama concordaram em retomar as relações diplomáticas entre os dois países e abriram embaixadas nos respectivos territórios depois de vários meses de negociações. Apesar da reaproximação, os Estados Unidos ainda mantêm o embargo econômico. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/obama-chega-cuba-para-visita-historica-de-tres-dias.html>. Acesso em: 11 abr. 2025.

³ O show foi gratuito e ocorreu no dia 25 de agosto de 2016, na esplanada da Cidade Esportiva de Havana, com público estimado em 450 mil pessoas. A apresentação durou cerca de duas horas, contou com dezoito músicas e foi considerada, pela opinião pública, como “um momento histórico”, “um sinal de mudanças reais na ilha” e um símbolo da “aceleração do processo de reaproximação com os EUA”. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160326_stones_video_tg. Acesso em: 11 abr. 2025.

e pratos. E como será a pós-história? Alguma coisa vai mudar? A cada dia é mais evidente: as pessoas desejam, necessitam, quase que imploram, e esperam, confiantes ou desconfiadas. Cansadas de tanta história, precisando de esperança e espaço (Padura, 2023, p. 223-224).

Poucos dias depois, o show dos Rolling Stones agita ainda mais a cidade que “[...] parecia ser o centro do universo” (Padura, 2023, p. 338). Nesse ambiente, “[...] a festa parecia interminável, sem data de vencimento, como se pretendesse tornar-se um estado permanente, um delírio perpétuo” (Padura, 2023, p. 338). O evento é caracterizado por uma multidão de milhares de “[...] pessoas de todas as idades e aparências imagináveis” atraídas pela música e pelo júbilo e criando “[...] um espírito de solidariedade espontânea” e a “[...] possibilidade da melhor convivência”, “[...] como se a concórdia entre os homens fosse possível, talvez até mais poderosa do que ódio” (Padura, 2023, p. 330-331). Os próprios amigos e a namorada de Conde, Tamara, comparecem ao espetáculo, enquanto ele, em dúvida, continua com as investigações.

Mas cabe apontar que o entusiasmo da população diante desses acontecimentos é descrito como sintoma da “emoção do instante”. Em contraposição, é enfatizado o contexto maior de restrições alimentares, as contradições econômicas, o aumento da desigualdade social e as dificuldades de sair e retornar para a ilha. Nesse sentido, março de 2016 é apresentado como momento pontual de abertura para o futuro, estimulado, também, pelo aumento da circulação de dólares durante os eventos.

Vale ressaltar que, nessa conjuntura, Cuba passa por uma série de transformações socioeconômicas. No início da década de 1990, com o fim da União Soviética e a crise econômica, foram estabelecidas as bases para reformas graduais e de caráter capitalista – estas foram aprofundadas no governo de Raúl Castro, a partir de 2008. Entre as principais medidas implementadas estão a abertura para o turismo internacional e o fim do monopólio estatal, com a diminuição do controle sobre o comércio exterior, a permissão de pequenos negócios privados e do trabalho por conta própria. Houve, ainda, a abertura para companhias e grandes propriedades estrangeiras e mistas e os investimentos externos diretos em setores industriais, de turismo e produção de

níquel. Na posição oficial do governo de Raúl Castro, as mudanças deixam de ser “[...] compreendidas como um ‘mal necessário’ ou um ‘recoo temporário’ e passam a ser defendidas como um fator estratégico positivo para a atualização do modelo ‘socialista’ cubano” (Casoni, 2021, p. 476).

Em uma perspectiva mais crítica e marxista, existe uma transição inconclusa para o capitalismo em Cuba. Nesse sentido, Casoni (2021) destaca a permanência do caráter burocrático do Estado, associado à apropriação e distribuição desigual de excedentes e à proibição de grandes propriedades nas mãos dos cubanos, impedindo a formação de uma classe proprietária nativa. Segundo essa linha interpretativa, na relação entre os polos capitalista e não capitalista “[...] não prevalece a harmonia, a conciliação, a complementaridade. Ao inverso, o vínculo entre o setor não-capitalista e o capitalista se define centralmente pela contradição, pelo conflito, pela luta” (Casoni, 2021, p. 487).

Essas contradições econômicas são expostas na obra de Padura por meio de diálogos e reflexões de Conde. Os pontos mais criticados são as dificuldades em manter os negócios privados, devido ao controle do Estado e à pouca lucratividade, e o aumento da desigualdade social e da prostituição. Yoyi Pombo, dono do “*La Dulce Vida*”, ao convidar Conde para ser vigia, afirma que “[...] o ruim é que, se pegam um movimento estranho aqui, me quebram as pernas e me fecham o estabelecimento... nós que temos negócios privados aqui, eles nos mastigam, mas não nos engolem, estão sempre com os holofotes em cima...” (Padura, 2023, p. 21).

A clientela do bar também é caracterizada como os “novos ricos” representantes da “nova demografia da cidade” (Padura, 2023, p. 18). Observando-os, Conde pergunta-se quem podem ser e o que fazem aqueles cubanos e estrangeiros que gastam tanto dinheiro no restaurante e, inclusive, de onde saem os diversos tipos de carnes e iguarias servidas no local, impensáveis para a maioria dos cubanos – estes, em contraposição, vivem com seus “[...] salários mensais que não chegam a cinquenta pesos convertíveis” (Padura, 2023, p. 47). Consomem apenas produtos da “caderneta de abastecimento” e não podem permanecer mais de dois anos fora de Cuba, segundo as leis migratórias do país. Essa desigualdade social é reforçada pela descrição de

“eventos privados”, como jogos de beisebol e festas no dia do show, e de cubanos que recebem remessas da “família no estrangeiro” (Padura, 2023, p. 265).

Nesse contexto, Yoyi Pombo critica o uso de drogas pela clientela ao afirmar que o “[...] dinheiro está se mexendo, e atrás do dinheiro vem a fogueira” (Padura, 2023, p. 21). Na mesma linha de reflexão, Conde pensa que “[...] embora não pudesse negar que o mundo em que viviam agora era aparentemente melhor que aquele estado de vigilância, paranoia, repressão e censura sem brechas no qual gastara seus melhores anos, a degradação que se proliferava o perturbava” (Padura, 2023, p. 21). Essa degradação, marcada pela desigualdade e pela pobreza, também está expressa nos dilemas e nas incertezas de Conde ao longo da obra.

Dilemas e incertezas

Além das investigações de Conde e de sua escrita, a obra explora os seus dilemas diante do contexto histórico vivido. O detetive observa, com desconfiança, o ambiente festivo da cidade e expõe reflexões e angústias em relação ao futuro. Entre as inseguranças de Conde estão o receio de que sua namorada e seus amigos não queiram ou não consigam voltar para Cuba; a falta de perspectiva em relação ao futuro e às mudanças no país; e o medo da volta das repressões do passado. Mais do que reflexões individuais, esses dilemas são interpretados como reflexos de um contexto, não estando isolados das sensações coletivas e das novas formas de lidar com o tempo.

A viagem da namorada de Conde é um dos tópicos mais importantes para entender o seu medo da solidão.⁴ Recém-aposentada, Tamara planeja passar uma

⁴ Este medo está diretamente relacionado ao crescimento da imigração. Além da abertura econômica, em 2013 houve mudanças na legislação cubana e o governo diminuiu os custos para documentos de viagem, permitiu que os cubanos vendessem casas e veículos para custear passagens e estendeu de um ano para dois o período que os cubanos podem ficar fora do país sem perder o direito de residência. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/numero-de-imigrantes-cubanos-que-chegam-aos-eua-quase-dobra-apos-reformas-na-lei-14208828>. Acesso em: 18 abr. 2025. Além desta, diferentes ondas migratórias marcaram a história do país desde a vitória da Revolução Cubana: entre 1959 e 1962, o triunfo da revolução levou a uma leva de 215 mil emigrados para os Estados Unidos, interrompido com a suspensão dos voos diretos após a Crise dos Mísseis; entre 1965 e 1973, cerca de

temporada na Itália com a irmã, o filho e o neto e não tem data para voltar. Durante anos, Tamara recebeu remessas em dinheiro dessa parte da família, sendo apresentada como uma pessoa de sorte e que tem uma vida mais confortável que a de Conde e a da maioria dos cubanos (Padura, 2023, p. 22). Nesse sentido, “[...] os emigrados, estigmatizados por décadas, [...] transformavam-se em salvadores. E por isso na ilha as pessoas diziam que o importante era ter FE: família no estrangeiro” (Padura, 2023, p. 265).

Inseguro em relação à viagem, Conde pergunta, constantemente, quando e se ela irá voltar. O neto é apresentado, inclusive, como “um poderoso imã de dois anos” que poderia impedir que ela retornasse para Cuba. Mesmo Tamara afirmando que não irá deixá-lo, Conde aflige-se com a duração indefinida da viagem e com o exemplo de muitos cubanos que saem e não querem voltar, como as próprias testemunhas da investigação, o neto de Quevedo e Vitorino Almeida. Outro fator é que Tamara está aposentada, fazendo-o acreditar que nada mais a prende no país. Conde chega a comentar que a função de vigia no restaurante será boa para ajudá-lo a suportar a angústia do tempo em que ela estará fora (Padura, 2023, p. 22-23). Mesmo desacreditado, encontra alguma esperança ao perceber que “[...] apesar dos pesares, havia gente que voltava” (Padura, 2023, p. 82).

Cabe destacar que Tamara sugere que Conde a visite na Itália, mas ele se recusa. Em certo ponto, tentando não ser pessimista, pensa que se tivesse meio milhão de dólares compraria uma passagem para a Itália, ressaltando que seria de “ida e volta” (Padura, 2023, p. 152). Desejaria voltar para o seu país e, aparentemente, isso não seria um dilema para ele. A principal questão é “[...] com tanta gente se mandando: Coelho voltaria? E Tamara? No fim, ele ficaria sozinho na ilha, como um Robinson extemporâneo?” (Padura, 2023, p. 198)⁵. E Yoyi Pombo “[...] até quando aguentaria?

340 mil emigraram durante um período de “ponte aérea”; em 1980, cerca de 125 mil saíram no período de “ponte marítima”, o Êxodo de Mariel; e em 1994, a crise econômica e dos balseiros cubanos levou a mais de 30 mil emigrados (Chávez, 1996).

⁵ Referência ao personagem Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, marujo que fica isolado em uma ilha após um naufrágio.

Quando se cansaria, como tantos outros, e também faria as malas para tentar a vida, outra vida, em outras partes do mundo, um pouco mais amplo e pelo visto não tão estranho como sempre lhes disseram?” (Padura, 2023, p. 304).

Coelho, também, é um personagem relevante na história, um amigo de Conde que está nos Estados Unidos. Ele e a esposa pedem a ajuda dos amigos em Cuba, pois querem ir ao show dos Rolling Stones. Mas estão fora do país há quase dois anos e, logo, a autorização de permanência no exterior estaria vencida. Se isso acontecesse, seriam considerados desertores pelo governo cubano e teriam ainda mais dificuldades para voltar. Paira sobre Conde a incerteza de um regresso provisório ou definitivo e o dilema de que, apesar de querer que o amigo retorne, seria melhor que ele continuasse nos Estados Unidos:

Conde estava começando a incubar a certeza de que seu amigo não voltaria. E, embora não ousasse dizê-lo, pensava que seria melhor para ele e a família. O que o Coelho deixava em Cuba? Deixava sua história, sessenta anos de sua vida, alguns amigos com os quais havia compartilhado tantas glórias e misérias, e uma casa combalida. O que obteria em Miami? A proximidade da família e alguns amigos como o médico Andrés, menos problemas para comer e mais espaço para se queixar e... muito pouco mais, porém um pouco que poderia ser angustiante, pois incluía, entre outras coisas, carregar o fardo da nostalgia e da derrota. A questão estava em calcular quanto pesava para o amigo cada um desses fardos (Padura, 2023, p. 49).

Enquanto faz essas reflexões sobre a solidão, Conde observa a cidade de Havana cada vez mais cheia. Pensa que logo “todo mundo estaria em Havana”, desde Obama até os Rolling Stones, mas Tamara não. Nesse sentido, outro dilema é escolher entre ir ao show com a namorada e os amigos ou ajudar os outros detetives a encerrar o caso de Quevedo e Robaina. É uma dúvida relacionada a se deixar levar pela onda dos “acontecimentos históricos” e estar perto dos amigos ou continuar com o seu ceticismo. Mesmo em dúvida e tendo prometido aos amigos que iria ao show, Conde decide terminar a investigação.

As inseguranças de Conde estão relacionadas, ainda, ao pessimismo, à falta de esperanças em relação ao futuro e à sensação constante de que as coisas em seu país nunca mudam. Observando o clima da cidade, pensa que o que está vendo “[...] é só um parêntese entre um tempo escuro e outro sombrio” (Padura, 2023, p. 152), entre um passado com censuras e violências e um futuro sem mudanças no regime. Acredita que depois desse tempo festivo e momentâneo, virá um “tempo morto” (Padura, 2023, p. 303).

Diante dos acontecimentos, boa parte da população passa a acreditar que as tensões políticas entre Cuba e os Estados Unidos estariam diminuindo e que, com essa aproximação, o bloqueio econômico terminaria. Muitos esperam por uma trégua, inclusive os amigos de Conde e o dono do “*La Dulce Vida*” que já sente os efeitos favoráveis do aumento de dólares circulando. Mas Conde está desconfiado. Tendo como exemplo a própria história do país e as experiências traumáticas com os Estados Unidos, acredita que o país está apenas “tirando umas férias” que logo terminariam, e o rigor das décadas anteriores voltaria (Padura, 2023, p. 194). Sobre a visita de Obama, expressa o seu dilema em relação às mudanças:

[...] ele arrastava a certeza de que gestos da ‘visita histórica’ só acumulavam palavras, mais palavras, palavras sem valor real que logo o vento levaria, sem deixar nem sequer o sinal de um eco, para então voltar ao mesmo, cada um em sua trincheira. Até quando mesmo? Até quando ouviriam palavras sem valor? (Padura, 2023, p. 232).

Para Conde, o próprio governo cubano também não tem interesse em suspender o embargo. Em uma perspectiva crítica, acredita que o regime precisa da dependência econômica das pessoas para sobreviver, e maior bonança econômica implicaria em dificuldades de controle da população, sendo esta a principal “indústria nacional”. Por isso, não se entusiasma e não alimenta expectativas em relação ao fim do embargo (Padura, 2023, p. 194-195).

Conde é cético em relação às mudanças do país porque, igualmente, não é capaz de esquecer o passado de repressão. Imerso em suas investigações e trabalhando no

“*La Dulce Vida*”, vê, com desconfiança, os frequentadores que festejam os acontecimentos do presente enquanto se lembra no suicídio de Natalia Poblet no contexto das políticas de Quevedo. Conde não consegue esquecer casos como esse e nem perdoar o regime. Tem um medo permanente, inclusive, do retorno dos métodos repressores e critica os clientes que vivem despreocupados e gastando dinheiro sem ter consciência do que acontecia, estando “[...] tão distante do estado de asfixia que tinham mergulhado Natalia Poblet” (Padura, 2023, p. 231-232). E, assim, encontra-se em mais um dilema: quem são esses “novos ricos” que frequentam o restaurante?

Cabe apontar que, além de estar envolvido com os casos de Quevedo e Robaina e as políticas da década de 1970, o detetive é influenciado pela crônica que está escrevendo sobre os negócios de prostituição no início do século XX. A partir da noção de que “[...] o passado sempre está presente” (Padura, 2023, p. 317), tece diversos paralelos entre a Havana de 1910 e de 2016. Assim como a Havana do presente, no início do século passado a cidade foi marcada por uma crise profunda, por “[...] um denso estado de ausência de paradigmas, de perda de valores, de confusão simuladora e de desgaste de qualquer projeto ou propósito utópico” (Padura, 2023, p. 317), principalmente por causa da passagem do cometa Halley que colocava em xeque as perspectivas de futuro. Em 2016, o clima de festa também parece “[...] como se estivessem sendo vividos os dias finais da existência planetária” (Padura, 2023, p. 302).

A noção de “prosperidade” com desigualdade é, ainda, um ponto em comum entre os dois momentos históricos, sendo “[...] mais contrastante no presente” (Padura, 2023, p. 107). Nos dois contextos, existiam bairros com urbanização moderna e esbanjamento, enquanto outros permaneciam insalubres e com altas taxas de pobreza. Transitando pela cidade, Conde lembra-se, constantemente, do personagem Saborit que vivia na época em que a cidade sonhava em ser a “Nice da América” (Padura, 2023, p. 111), “[...] período histórico enlouquecido, turvo e doloroso, período que parecia não ter fim?” (Padura, 2023, p. 285).

Dessa forma, Mario Conde convive com “a iminência de distâncias anunciadas e regressos indecisos, as memórias lacerantes do passado e as frágeis perspectivas de

futuro, inclusive as ameaças da velhice e da morte” (Padura, 2023, p. 119). Apesar do medo da solidão ser apresentado como “inevitável” e “inerente ao ser humano” (Padura, 2023, p. 103), o seu temor é agravado pelo pessimismo, pela desigualdade, pelo contexto político-econômico do país, pelas memórias que guarda, pela crença de que nada irá mudar e pela quantidade de pessoas deixando Cuba ao longo dos anos.

A partir da análise da obra, pode-se afirmar que essas inseguranças e medos representam não apenas os dilemas de Conde, mas de toda a população cubana no tempo presente. A dúvida quanto ao retorno dos que saem, os traumas gerados pelo embargo e pelo racionamento e as inseguranças diante do aumento da desigualdade social também simbolizam preocupações coletivas, abordadas em outras obras de Padura. A trama releva, portanto, muito mais do que dilemas internos de um único sujeito, mas sensações e demandas do povo cubano na contemporaneidade. Nesse sentido, ser levado pela emoção dos acontecimentos e comemorações não é contraditório, mas também um sintoma da atitude presentista diante do passado.

Presentismo: o regime de historicidade em François Hartog (2017)

Esses dilemas e incertezas podem ser analisados a partir das noções de presentismo e de crise do futuro de François Hartog (2017). O autor trabalha com o conceito de regime de historicidade, sendo a forma como cada época crê e escreve a História e articula as três categorias temporais – passado, presente e futuro – privilegiando uma ou outra. Segundo o autor, “[...] a relação com o tempo é, para todos e para cada um, a dimensão fundamental da experiência do mundo e de si” (Hartog, 2017, p. 37). Dessa forma, atualmente existe uma transformação em nossa relação com o tempo. O tempo vivido, assim como o tempo estudado, reduzem-se ao instante, “a quase nada” (Hartog, 2017, p. 37).

Essa nova relação com o tempo está associada a um período de crise da História na década de 1990. Nesse contexto, a queda da União Soviética, as demandas judiciais do pós-guerra e os julgamentos de ditaduras e crimes contra a humanidade criaram

uma noção de “atualidade do sofrimento” das vítimas do século XX. No período da grande visibilidade dos traumas desses sobreviventes, cada vez mais o presente é visto como o único horizonte possível. O passado é o “um tempo suspenso, que não passa” para essas pessoas e o futuro desaparece do horizonte. É incerto e visto como uma ameaça, sendo renunciado em prol das memórias das testemunhas das catástrofes (Hartog, 2017).

Hartog considera que vivemos em um regime de historicidade presentista, de ascensão do presente como a categoria temporal dominante. Na contemporaneidade, o presente é o tempo da vítima e de suas demandas por justiça e reparação. É o tempo urgente para aqueles que vivem imersos no trauma. Nesse sentido, não há mais abertura para o futuro e crença na história, as pessoas não fazem mais planos e não conseguem projetar um futuro possível. Já “[...] para o passado, tem-se a memória (com o patrimônio e a comemoração) assim como a justiça: para julgar a história de ontem, anteontem ou mesmo de hoje” (Hartog, 2017, p. 81).

Uma das principais expressões desse regime, portanto, é o avanço da memória. Em contextos de julgamentos públicos, a testemunha, associada à imagem da vítima e do sobrevivente, traz a autenticidade e a emoção necessárias, “[...] sua presença foi inseparável da ascensão da memória, à qual ela deu uma voz e um rosto” (Hartog, 2017, p. 55). Nessa “era das testemunhas”, há uma divisão entre história e memória nas sociedades. A história é colocada em dúvida e é “sempre suspeita”, pois pressupõe a análise distanciada e objetiva, passando “ao lado do acontecimento”. Enquanto isso, a memória está dentro do acontecimento e permanece nele, guarda lembranças e sensações ainda pulsantes. Torna-se “sempre justa” e “o único recurso dos esquecidos da história” (Hartog, 2017, p. 70).

Nesse sentido, outra característica do regime presentista é a necessidade de patrimonialização. Hartog (2017) destaca que esse processo corresponde à seleção de objetos, espaços, saberes e eventos a serem conservados, visando a transmissão de uma memória ou de uma cultura. Manoel Luiz Salgado Guimarães (2012) complementa que o patrimônio é o resultado de uma produção marcada historicamente, movida por

uma demanda do presente. É uma forma de dar uma nova visibilidade a um conjunto de objetos do passado, “[...] retirando-lhes seu sentido original”, “[...] é produzi-los como algo distinto daquilo para o qual um dia foram produzidos e criados” (Guimarães, 2012, p. 100).

O desejo de Conde de que as vítimas de Quevedo sejam lembradas e tenham seu testemunho ouvido representa uma atitude presentista em relação ao passado. No tempo da vítima e das incertezas em relação ao futuro, conferir visibilidade às memórias e aos traumas simboliza o processo da dívida para com essas pessoas. Nesse sentido, trata-se de uma forma de atender às demandas por justiça e dar um novo sentido para o tempo presente, em contraposição ao “mal-estar” vivido pelas vítimas.

Hartog considera que, em geral, o patrimônio está situado entre a história e a memória, mas atualmente está mais próximo da memória. Aponta que, no presente, o patrimônio “[...] torna-se uma maneira de se situar e de se encontrar a si mesmo” (Hartog, 2017, p. 46), de dar “[...] uma história a si próprio” em tempos de crise e incerteza (Hartog, 2017, p. 78). A preservação passa a ser mais um recurso para o uso no próprio presente do que para a historicização e a transmissão para o futuro. A partir dessas definições, pode-se afirmar que a trama de Padura representa essa ascensão da memória.

O presente, então, é marcado pela permanência dos traumas e do passado e pelos processos de memorialização e patrimonialização. É um tempo urgente, necessário para se fazer reparação e justiça. Para Conde, é o único tempo disponível, o momento de trégua das tensões entre Cuba e Estados Unidos e que ele deve aproveitar ao máximo enquanto está perto dos amigos e da namorada. Sendo assim, “[...] naquele instante, exato e que ele sabe fugaz, Conde está vivendo no presente” (Padura, 2023, p. 119), porque a qualquer momento ele estará sozinho. Ele se encontra “[...] frente a frente com a memória e o presente, só” (Hartog, 2017, p. 57).

O medo dos amigos e da namorada se afastarem e das políticas repressoras voltarem marcam essa crise do futuro, percebido como ameaça ou catástrofe que se aproxima a qualquer momento. As próprias reflexões de Conde de recusa ou

prevenção do envelhecimento e a necessidade de se afastar da morte também são indícios desses tempos. Assim como no início do século XX, com a passagem do cometa Halley, “[...] ninguém planejava a vida no longo prazo” (Padura, 2023, p. 137), as pessoas perdiam “[...] a noção de um futuro possível” (Padura, 2023, p. 138).

Para Conde, não há perspectivas de evolução ou progresso, conceitos da modernidade pelos quais os historiadores e as sociedades dos séculos XIX e XX eram mobilizados (Hartog, 2017). A própria Revolução Cubana, que representaria um momento de aceleração do tempo, é, igualmente, desacreditada, pois não teria levado ao desenvolvimento social esperado. As “ilusões perdidas” de Conde são, justamente, essas rupturas com a ideia de progresso linear e contínuo. São as mudanças em relação ao passado que não foram alcançadas, as suas aspirações literárias não reconhecidas e as desigualdades nada superadas.

Faz-se importante destacar que os comportamentos da população de Havana e dos amigos de Conde, também, marcam uma atitude presentista. Em um contexto de inseguranças em relação à economia e ao aumento da desigualdade social, os eventos de março de 2016 podem ser interpretados através do fenômeno do “tudo-acontecimento”. Segundo Hartog (2017), a contemporaneidade é caracterizada por uma multiplicação de eventos e comemorações no espaço público que todos acompanham pela mídia em tempo real. Entre esses acontecimentos, o autor inclui catástrofes e eventos globais que são televisionados e mostrados diversas vezes, aumentando ainda mais a sua carga emotiva. Nesse sentido, a revolução da informação das últimas décadas, com a comunicação instantânea e imediata, reforça a ideia do “eterno presente”.

Na obra de Padura, o show dos Rolling Stones e a visita de Obama são mostrados como acontecimentos, “eventos históricos” que mobilizam a cidade e são vistos como a “realização de um sonho” e a “superação de antagonismos” (Padura, 2023, p. 331). Para Conde, representam um “tempo efêmero”, marcado por um “imobilismo programado” (Padura, 2023, p. 332). De certa forma, esses eventos, somados ao contexto político-econômico da ilha, simbolizam para a população certa abertura em

relação ao futuro e a possibilidade de superação dos traumas. O show é apresentado, inclusive, como “[...] o acontecimento da vez que prolongava as expectativas e o ambiente festivo da cidade” (Padura, 2023, p. 291). Mais do que crenças na história, esses eventos sinalizam uma crença no acontecimento.

O fato de a população de Havana estar desfrutando esses momentos não significa, então, que não possuem seus traumas e incertezas. Vivenciam os eventos comemorativos e a emoção do instante como momentos de trégua e de reparação de seus traumas relacionados ao embargo e ao isolamento da ilha. Nessa perspectiva, muitos sabem que participam “[...] de um evento único, irrepetível, até havia pouco inimaginável” (Padura, 2023, p. 332). Mesmo sendo caracterizada por Conde pela “desmemória” e pela esperança, a população está imersa no presentismo e no fenômeno do “tudo-acontecimento”.

Assim, a resistência de Conde e a sensação de ser um “extraterrestre” diante desse clima de festa não o faz um indivíduo totalmente isolado da coletividade. Toda a sociedade cubana vive as mudanças econômicas, e as suas inseguranças também estão refletidas em seus comportamentos diante dos eventos de 2016. O otimismo e o aumento das expectativas parecem, a princípio, uma relação com o futuro oposta ao pessimismo de Conde. Podem, porém, ser interpretadas como sintomas de um mesmo regime de historicidade, de uma crença em mudanças a partir dos eventos. A complexidade da obra está, justamente, nessas atitudes que parecem divergentes, mas que se unem no “eterno presente”, no tempo do trauma e da vítima, seja ela dos crimes de Quevedo ou do embargo dos Estados Unidos.

Além da visibilidade generalizada dos acontecimentos, Hartog (2017) descreve o regime de temporalidade do imprescritível como uma característica do presentismo. Na esfera judicial, existe uma lógica de “imprescritibilidade” no qual os crimes de guerra não perdem a validade, podendo ser julgados em qualquer tempo. O criminoso, portanto, sempre é contemporâneo de seu crime. Essa “atemporalidade jurídica” cria um “tempo suspenso” que não passa para os criminosos e nem para as vítimas, com seus traumas e sofrimentos sempre presentes e lembrados.

Na obra de Padura, essa imprescritibilidade é representada, principalmente, pelos crimes de Quevedo. As investigações de Conde, mesmo não tendo o intuito de julgar as ações repressoras, acabam se tornando uma forma possível de fazer justiça para as vítimas. Esperando por reparação, vivem um tempo presente interminável e um sofrimento que paralisa o tempo. Com as investigações e entrevistas remexendo os casos da década de 1970, o passado sensível é “[...] a todo momento reativável no presente da queixa e da dívida” (Hartog, 2017, p. 82).

Nesses processos de julgamento, o regime presentista constitui a história como “impotente”. Se a principal figura é a vítima, a história é vista como “secundária” em relação à memória e está constantemente sendo “julgada” pelo presente. Não é mais capaz de esclarecer o caminho a ser percorrido e de remeter com segurança o passado ao passado (Hartog, 2017, p. 57). E se há constantemente uma ameaça de catástrofes, renuncia-se ao futuro e a história chega a um fim. A crença na história é substituída pela crença no acontecimento, no evento único de reparação das vítimas. Essa perspectiva pode ser percebida na fala de José José:

O passado nunca termina. Nem sequer com a morte. O passado é tudo o que foi, cada instante que fomos, e é tão persistente que sempre decidirá o que seremos. Se o passado fosse apagado, deixaríamos de existir. Contra essa terrível condenação, nós, homens, buscamos alternativas que tornem menos pesada essa carga inevitável. A mais recorrente é o esquecimento. É a maneira de ocultar parte da carga desse passado para podermos lidar com o presente e até termos a vaidosa pretensão de melhorarmos o futuro. Nesse país em que tantas histórias se reescrevem, em que tantas coisas se fundem sob camadas de esquecimento programado, muita gente se empenha em reescrever o passado, ainda que seja em vão. Porque o maldito passado sempre está presente [...] (Padura, 2023, p. 316-317).

Nessa linha de reflexão, Conde entende que a população “[...] se alivia de frustrações alimentando a desmemória” (Padura, 2023, p. 25). Considera que as pessoas tentam silenciar eventos ou “reescrever o passado” para não precisar conviver com as lembranças. Para Michael Pollak, “[...] o longo silêncio sobre o passado, longe

de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (Pollak, 1989, p. 5). Nessa perspectiva, as vítimas de Quevedo, em contraposição a uma memória oficial do Estado cubano, representam as “[...] memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa” (Pollak, 1989, p. 4). Nesse sentido:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar ou impor. Distinguir entre as conjunturas favoráveis e desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado (Pollak, 1989, p. 8).

Na obra de Padura, existem memórias em disputa. De um lado, está a memória oficial do regime que escolheu privilegiar os avanços sociais da Revolução e ocultar o período de repressão e de outro está a “memória subterrânea” das vítimas de Quevedo. O esquecimento criticado por Conde representaria a dominação hegemônica da primeira, da ideologia oficial do Estado e da ausência de julgamentos dos políticos. Mas, ao mesmo tempo, o aparente esquecimento da população em relação às repressões da década de 1970 não significa uma adequação total à memória que o regime deseja impor.

A própria população guarda sua “memória coletiva subterrânea” em relação à abertura econômica e às leis migratórias, muitas vezes contrárias ao discurso oficial do Estado. A população e seus amigos também cultivam lembranças e reivindicam reparação. Tornam-se vítimas do embargo econômico, do racionamento, do controle sobre os negócios privados e das políticas estatais que aumentam a desigualdade e

restringem o retorno a Cuba. Conde pode não perceber, mas a sociedade cubana possui, assim como ele, uma memória, nem sempre narrada, em relação aos eventos traumáticos.

De acordo com Pollak (1989), o silêncio da sociedade civil sobre algum evento traumático tem razões políticas complexas e deve ser levado em consideração junto com outras questões. Não deve ser caracterizado apenas como uma “[...] memória histórica ruim e muito breve”, como afirma Conde (Padura, 2023, p. 307). Por exemplo, “[...] para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (Pollak, 1989, p. 6). Em essa escuta é representada pelos interrogatórios. Tornam-se espaços não só para apurar a morte de Quevedo, mas com investigadores atentos às histórias de vida e às demandas das vítimas. O papel central dos testemunhos na investigação mostra que as memórias clandestinas precisam de uma “[...] transmissão intacta até o dia e que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do ‘não-dito’ à contestação e à reivindicação” (Pollak, 1989, p. 8).

Nesse sentido, um dos principais desafios da História no Tempo Presente é lidar com as demandas por memória e justiça. Atualmente, a invocação da memória dos crimes, por exemplo, permite que os grupos envolvidos conquistem o status de vítima social (Ferreira, 2012, p. 112). O dever da memória e o conhecimento da história recente tornam-se reivindicações identitárias e políticas desses grupos. O historiador, então, deve lidar com a memória viva dos seus contemporâneos que podem influenciar, “supervisionar” ou até “marginalizar” o seu trabalho e com instituições e atores que buscam a legitimação de suas demandas através da história (Ferreira, 2012, p. 113). Há, portanto, uma pressão da memória sobre a prática profissional do historiador.

Cabe ao historiador, ainda, afirmar-se no período da crescente judicialização. Cada vez mais os historiadores são convocados a dar testemunhos na justiça e contribuir para um veredicto final do passado, como foi o caso do interrogatório de José José. Mas Ferreira (2012) considera que a função social do historiador não deve ser de um árbitro da história. A história é sempre inconclusa, não é como uma sentença

judicial. A verdade em História está sempre em suspenso, provável, em curso de reescritas e deve ser capaz de criar certa abertura para o futuro (Ferreira, 2012, p. 115). Mesmo com catástrofes e eventos traumáticos, “[...] a história não acaba nunca” (Padura, 2023, p. 341), como afirma o próprio José José ao final das investigações.

Memória e trauma: a noção de catástrofe em Henry Rousso (2016)

As definições de catástrofe de Henry Rousso (2016) dialogam com esses debates sobre presentismo e memória. Para o autor, a História do Tempo Presente, como um dos modos possíveis de escrita de uma história contemporânea, é a história dos acontecimentos, da memória coletiva, do pessimismo e do trauma que privilegia o tempo do imprescritível e do presente. Essa História desenvolve-se a partir da catástrofe da Segunda Guerra, mais especificamente no contexto dos julgamentos dos crimes nazistas (Rousso, 2016). A noção de catástrofe defendida por Rousso é perceptível nas reflexões de Conde e na trama de Padura.

Na perspectiva de Rousso, a catástrofe é a inauguração, a origem provisória de um tempo presente. Todos os períodos históricos possuem as próprias catástrofes ou acontecimentos recentes que pesam mais na memória histórica. São com esses eventos, vividos por quase todo povo, “[...] que se inicia o presente da estrutura histórica daqueles que são vítimas” (Rousso, 2016, p. 25). Na obra de Padura, o embargo econômico e os abusos de poder, na década de 1970, representam essas catástrofes, os “[...] momentos mais mortíferos do passado próximo, aqueles que têm mais dificuldade de passar” (Rousso, 2016, p. 27).

As investigações, assim como a “ação redentora” de José José, simbolizam os “julgamentos” tardios da catástrofe das repressões. Desse modo, ajudam a fazer com que os casos sejam revelados e sentidos como acontecimentos contemporâneos, sem precedentes e insuperáveis. Os interrogatórios reforçam a temporalidade de persistência do passado que rompe com a distância entre o passado e o presente, tornando as vítimas de Quevedo contemporâneas aos seus sofrimentos (Rousso, 2016,

p. 221). Uma das características do presentismo é, justamente, essa vontade de julgar as gerações passadas, de qualificar juridicamente e reparar os crimes do passado “[...] com as normas e valores do presente” (Rouso, 2016, p. 230-231).

Nesse contexto, a memória ascende como um direito e um meio de reivindicação das vítimas. Em 2016, a memória dos sobreviventes consegue um espaço de escuta e emerge em um momento de crise e de apuração da morte de Quevedo. Na perspectiva de Conde, a memória ganha um lugar de destaque nos interrogatórios, em contraposição a uma sociedade que, segundo ele, alimenta-se da “desmemória”. Mas, essa afirmação torna-se uma generalização ao percebermos que seus amigos também alimentam memórias em relação a outros eventos que afetam diretamente o presente e seus negócios privados.

A memória, como uma das palavras-chave do presentismo, pode ser entendida como uma “[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades” (Pollak, 1989, p. 9). Segundo Pollak, essas referências ao passado servem para manter uma coesão interna dos grupos, instituições e partidos e defender as fronteiras daquilo que têm em comum e do que os diferenciam de outros. O autor aponta a existência de diversas memórias coletivas dentro de uma mesma sociedade e que podem se enquadrar ou não na memória nacional dominante.

As memórias das vítimas de Quevedo, por exemplo, não se encaixam na memória oficial do regime cubano. Ao relatarem as suas histórias e exigirem reparação, considerando que “o passado nunca termina”, os entrevistados, enquanto um grupo social, contrariam a memória dominante. Em seu relato, Sindo Capote, pintor que havia sido interrogado e sentenciado a trabalhos forçados, fala sobre o medo dos artistas na década de 1970 e questiona a impunidade. Percebe que, na memória coletiva dominante no presente, é como se nada daquilo tivesse acontecido (Padura, 2023, p. 76-77).

Da mesma forma, a população de Havana possui as suas memórias, representadas de forma implícita ou explícita na obra. Yoyi Pombo comenta que, na cidade, “[...] quase todo mundo é maluco... cento e cinquenta anos de lutas e sessenta de bloqueio são muitos anos...” (Padura, 2023, p. 20). Quando afirma que a cidade está passando por mudanças, também faz comparações em relação ao passado: “Quando você era tira, quantos turistas havia em Cuba? Cinco [...] Um búlgaro, um tcheco e três soviéticos... É o que te disse, agora o dinheiro está se mexendo” (Padura, 2023, p. 20). As expectativas dos cubanos pelo fim do embargo, diante da visita de Obama, também revelam que a população guarda uma memória coletiva traumática em relação às agressões norte-americanas.

Aleida Assman (2011) considera que, entre os diversos tipos de memória, a memória cultural coletiva supera gerações e épocas e é organizada pelas mídias tecnológicas e políticas de memória, como a memória “oficial” cubana. Precisa de comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas e é constantemente renegociada e readquirida. A autora destaca que vivemos em um tempo em que a memória virou uma discussão pública, para justificar algo ou acusar alguém, por exemplo. Nesse contexto, enquanto certos tipos de memória se retraem, outras ganham importância como a memória cultural coletiva, mostrando que o passado não fica apenas sob a custódia dos historiadores (Assman, 2011, p. 20).

Para Assman (2011), os modos de recordar, ou seja, a memória de uma catástrofe, são definidos culturalmente e variam de acordo com o tempo, sua formulação e seus usos no presente. Existem, por exemplo, pressões para que uma determinada memória se perca ou seja apagada e estados de esquecimento ou recalque do inconsciente coletivo. Para a autora, não se considera mais a memória como vestígio ou armazenamento, mas como uma “massa plástica” constantemente reformulada sob as diferentes perspectivas do presente.

Nesse debate, Pollak (1989) entende os traumas como “[...] uma memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam ser expressados publicamente”. Envolvem uma “[...] situação limite da experiência humana” e “[...] ressentimentos

acumulados no tempo” e podem comprovar “[...] o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido” (Pollak, 1989, p. 5). Em contextos de crise, esses traumas “profundamente ancorados” na sociedade ganham forma em movimentos populares que se organizam em torno de projetos de construção de monumentos à memória das vítimas. Essas lembranças “[...] esperam o momento propício para serem expressas” (Pollak, 1989, p. 5), como é o exemplo do trauma das vítimas de Quevedo.

Para Assman (2011), a experiência do trauma, embora latente, não é acessível conscientemente. Por ser estranho à identidade pessoal da vítima e ultrapassar a lógica, torna o descrever da experiência passada, praticamente, impossível e se expressa por sintomas. Da mesma forma, Pollak (1989) destaca a dificuldade de “[...] construção de uma coerência e de uma continuidade” no relato de histórias de vida marcadas por rupturas e sofrimentos extremos. Por isso, a gestão das memórias das vítimas possui bloqueios e dificuldades de se fazer compreender que em muitos casos levam a um “silêncio sobre si próprio” (Pollak, 1989, p. 13).

Ao passar pelo evento traumático do suicídio de Natalia Poblet, José José é apresentado como um homem que não conseguiu reconstruir a sua vida. Embora tivesse estudado e constituído uma família, “Conde achava que desde havia muito tempo sua existência estava reduzida a de um morto-vivo, com uma dívida pesada pendente” (Padura, 2023, p. 314). Capote é, igualmente, retratado como um homem que não consegue contar toda a sua conversa com Quevedo e que “[...] estava vivo, no entanto, o fato é que estava morto, aniquilado como artista” (Padura, 2023, p. 77). Desse modo, José José afirma que, diante das condenações, a maioria das pessoas buscam alternativas e a principal delas é o esquecimento, “[...] uma maneira de ocultar parte da carga desse passado para podermos lidar com o presente e até termos a vaidosa pretensão de melhorarmos o futuro” (Padura, 2023, p. 216).

Os ataques históricos dos Estados Unidos, também, são apresentados como traumas para a população cubana. São como situações de choque que ultrapassam a lógica, bloqueiam lembranças e são dificilmente narradas. Em momentos como a visita

de Obama, por exemplo, o sintoma da população é criar um ambiente festivo e acreditar que logo o embargo seria suspenso e Cuba e Estados Unidos estabeleceriam boas relações. Outro sintoma é representado pelo pessimismo de Conde e pela permanência do passado em suas reflexões. Ele não consegue criar expectativas diante dos abusos de poder que não foram julgados e das experiências com os Estados Unidos que sempre foram traumáticas (Padura, 2023, p. 194). Sente-se, também, “perseguido” pela figura do tenente Saborit do início do século XX, sonhando com ele e com sua imagem aparecendo nos lugares que passa (Padura, 2023, p. 102).

Nesse contexto, Rousso considera que vivemos em uma “época comemorativa” que pretende “[...] reparar todos os sofrimentos do passado” (Rousso, 2016, p. 238-239). Com os eventos comemorativos, a “emoção do instante” ganha cada vez mais importância no espaço público, reforçando a ascensão da memória e da experiência vivida (Rousso, 2016, p. 241). E com a velocidade da informação atualmente, somos “[...] testemunhas e contemporâneos do que se passa a todo instante no mundo” (Rousso, 2016, p. 249). O show dos Rolling Stones e a visita de Obama seriam como esses acontecimentos que geram uma “emoção coletiva” e que representam uma tentativa de melhorar a convivência ou aumentar as expectativas. Nesse sentido, buscam reparar os sofrimentos relacionados aos conflitos internos e externos e ao embargo econômico. E mesmo Conde não participando, diretamente, desses eventos, ele se vê em dúvida, estando inserido nessa época de reparação.

Em perspectiva crítica, Rousso defende não ser possível reparar a história. Mesmo estando a serviço das causas memoriais, a sua função não é dar um veredicto do passado. Após a prova incriminatória final, Conde busca entender José José e a sua autoconfiança, como se além de seu ato “justiceiro”, o historiador pudesse dar uma solução para os sofrimentos do passado. Mas, em sua confissão, o historiador afirma que o passado não pode ser apagado e nem superado. Na história, passado e presente misturam-se, assim como causa e efeito, verdade e mentira, bondade e maldade, crime e decência (Padura, 2023, p. 322). O assassinato de Quevedo pode ter uma ação redentora, já a história, não.

As expectativas de Conde em relação à confissão de José José revelam como o “[...] nosso regime de historicidade se define em grande parte pela dificuldade de superar a lembrança das grandes catástrofes recentes, de reatar, portanto, com certa continuidade histórica de maior duração” (Rouso, 2016, p. 28). O passado tornou-se “[...] um campo da ação pública” e de “exigência da verdade” por parte das vítimas. E estamos “[...] constantemente com as costas viradas para o futuro para poder lidar” com esse passado (Rouso, 2016, p. 29-30).

Nas reflexões de Conde, percebe-se que há uma crise de perspectivas de futuro. Mas, ao final da obra, o bilhete de José José representa uma espécie de abertura para o futuro a longo prazo, diferentemente da crença no acontecimento. Para o historiador, o passado “nunca termina”, sempre irá acompanhar as vítimas e “[...] sempre decidirá o que seremos” (Padura, 2023, p. 316). Mesmo assim, não podemos prever como será o futuro, assim como não temos certeza de como foi o passado, ainda que haja um excesso de memórias. Não existe o fim da história, pois ela está, constantemente, em ação, é inacabada, assim como a própria Revolução Cubana que continua atualizando-se e demonstrando a sua resistência diante dos Estados Unidos. Acreditar nisso é importante para que as pessoas recuperem a segurança em relação à história e para que o futuro volte ao horizonte. A partir disso, entende-se que “[...] a história não acaba nunca, mas, enquanto transcorre, vai deixando lições que devem ser lidas” (Padura, 2023, p. 342). Dessa forma, Hartog considera que:

É preciso, para além de uma compaixão pelo instante, estimar que se pode agir, que o futuro poderia ser diferente, que há espaço para outros projetos. Em resumo, é preciso acreditar em uma certa abertura do futuro, acreditar na história, portanto, para poder escapar à imposição única do presente. De um presente, além disso, que não termina nunca de se diagnosticar como estando em crise (Hartog, 2017, p. 343).

A partir dessa discussão, pode-se afirmar que a História do Tempo Presente possui o desafio de lidar com os traumas das vítimas das catástrofes contemporâneas.

O detetive e as vítimas de Quevedo mantêm uma relação conflituosa com o passado, simbolizado pelas políticas repressoras do regime, tratando-o como um trauma sempre atual. Demandam a memorialização, a visibilidade dos relatos das testemunhas e que os culpados sejam julgados, trazendo o aspecto da dívida para com as vítimas. Conde, sente, inclusive, que está “[...] num lugar e num tempo indefiníveis [...] no qual se confundiam [...] a ficção e a realidade: o presente e o passado” (Padura, 2023, p. 322).

Da mesma forma, a população de Havana, também, demanda por reparações dos traumas do bloqueio e do embargo, muitas vezes não narrados. Ao ser levada pela emoção dos acontecimentos, suas atitudes também são um reflexo de uma crise do futuro e de mudanças a longo prazo. E embora possa parecer que Conde é uma exceção nesse contexto, entende-se que todos os comportamentos sociais apresentados se complementam formando uma nova maneira de lidar com o tempo no presente.

Os diferentes grupos exigem, portanto, uma reparação e um julgamento do passado no presente, enquanto o futuro a longo prazo está em crise. Mas além da impossibilidade de julgar o passado, o campo da História não deve estar sujeito apenas ao imediato. Deve estudar uma duração significativa dos acontecimentos, “[...] propor uma ordem de inteligibilidade que tenta escapar à emoção do instante” (Hartog, 2017, p. 237). Deve também manter uma certa abertura em relação ao futuro, o que não significa voltar a um antigo regime de historicidade futurista. O mais relevante é compreender, como afirma José José, que o “passado é indelével”, mas que “[...] a história não se acaba nunca” (Padura, 2023, p. 341).

Conclusão

Na obra *Pessoas decentes* (2023), Leonardo Padura reflete sobre os dilemas de um povo que convive com o embargo econômico e as agressões históricas dos Estados Unidos. Nas últimas décadas, as mudanças socioeconômicas e as ondas migratórias geram uma desigualdade que aumenta, ainda mais, o clima de incertezas em relação

ao futuro. Nesse sentido, o personagem Mario Conde representa o medo da solidão, do isolamento, dos amigos nunca mais voltarem para Cuba, o questionamento sobre os “novos ricos” e os dilemas quanto à memória e ao esquecimento. Essas inseguranças refletem um desgaste de qualquer projeto de futuro a longo prazo.

Para além da realidade cubana, as reflexões de Conde e a trama da obra podem ser associadas à debates da teoria da História, como o atual regime de historicidade presentista. Nessa nova relação com o tempo, o presente é privilegiado, em detrimento do passado e do futuro. Em *Pessoas decentes* (2023), o detetive está imerso em um contexto de demandas cada vez maiores pelo fim do embargo e de investigação não só do assassinato de Quevedo, mas também de “apuração” de seus crimes. Os interrogatórios são como espaços de escuta das testemunhas e de julgamento do passado. Em cenários como esse, o trauma e a memória das vítimas estão “sempre atuais”. O presente é urgente, porque configura-se como o único horizonte possível para se fazer justiça e dar visibilidade às memórias.

Mesmo que a centralidade da obra seja o protagonista Conde e as suas reflexões, a análise, aqui, estende-se para os outros personagens e o contexto histórico da trama. Todos possuem uma importância na construção da narrativa. Os amigos, a namorada, as testemunhas e a população presente nos eventos são essenciais para a composição do cenário de Havana, em março de 2016, bem como para entender as incertezas de Conde. Assim como o detetive, revelam comportamentos de uma época e que não precisam ser considerados antagônicos entre si.

Enquanto romance histórico, *Pessoas decentes* reflete a liberdade do autor de inventar e escolher a própria forma de narrar por meio de uma realidade, de um “chão histórico” (Silva, 2016). Nesse sentido, a complexidade da trama reside no fato de que cada grupo é construído de uma forma, mas todos estão permeados por uma sensação coletiva de demanda por reparações no presente. A partir disso, interpreta-se a obra a partir da noção de presentismo, como fenômeno coletivo típico de uma época. O intuito é refletir sobre a nova forma de lidar com o tempo que apresenta diversas particularidades de acordo com os grupos analisados.

Dessa forma, os conceitos de presentismo, memória, trauma e o diálogo entre eles podem ser utilizados para refletir sobre os personagens de Padura. Em Mario Conde, a atitude presentista é marcada, principalmente, pelas incertezas e inseguranças em relação ao futuro. Paralelamente, os seus amigos e a população de Havana representam o regime do “tudo-acontecimento” e da visibilidade generalizada e as demandas coletivas pelo fim do embargo. Já as vítimas de Quevedo simbolizam a figura da testemunha e suas demandas por justiça e os “novos ricos” representam a permanência do passado de corrupção e de desigualdade. Percebe-se que essas noções expressam-se de diferentes formas em cada um dos grupos e personagens, representando um fenômeno coletivo.

Quanto ao conceito de memória, mais especificamente, aparece em Conde quando ele se lembra das políticas repressoras da década de 1970 e o contexto de Havana no início do século XX, acusando de “desmemória” aqueles que se esqueceram desses fatos. Mas os seus amigos e a sociedade também possuem suas memórias e traumas em relação ao passado de lutas, ao bloqueio dos Estados Unidos e à abertura econômica. Podem ter “esquecido” as políticas da década de 1970, mas ainda se lembram de catástrofes que afetam diretamente o presente da ilha. Já as vítimas de Quevedo representam as memórias das vítimas dos abusos de poder do regime.

O conceito de trauma, ainda, perpassa por todos os personagens da obra. As testemunhas de Quevedo guardam o trauma das políticas repressoras, assim como Conde, que, também, tem a memória traumática da corrupção do regime e da sensação constante de permanência do passado. Os amigos e a população de Havana são marcados, principalmente, pelo trauma das catástrofes do embargo econômico, dos racionamentos e dos ataques dos Estados Unidos, muitas vezes não narrados. Nesse sentido, além das testemunhas de Quevedo, a população pode ser entendida como vítima do bloqueio.

Em um primeiro momento, essas diferentes características dos grupos podem parecer antagônicas, e Conde pode até ser visto como uma exceção diante do clima de festa na cidade. Mas a partir de uma análise mais aprofundada, entende-se que as

atitudes do detetive e dos outros personagens podem estar entrelaçadas e ilustrar uma mesma sensação coletiva relativa a uma época. Todos vivenciam um regime de historicidade de ascensão da figura da vítima e das demandas coletivas por justiça, seja pelo fim do embargo ou pelo julgamento de políticos repressores. A riqueza da obra está em, justamente, construir uma trama que mostra diferentes manifestações de uma mesma relação com o tempo no presente.

Nesse regime, o “tempo do imprescritível” faz com que o crime e o trauma sejam sempre contemporâneos das vítimas e da sociedade cubana, gerando a sensação de um “tempo que não passa”. Os acontecimentos são vividos como se pudessem reparar os sofrimentos a partir da “emoção do instante” e a visibilidade generalizada reforça a noção de um “eterno presente” e de um “tempo suspenso”. E, mesmo resistente a esses acontecimentos, Conde também sente que precisa valorizar os instantes, o tempo imediato que ainda tem com a namorada e os amigos.

Dessa forma, Padura constrói uma obra que pode ser entendida como um panorama geral do regime de historicidade presentista. Apesar da complexidade e das particularidades da realidade cubana, pode-se mobilizar autores como François Hartog (2017) e Henry Rousso (2016) para refletir sobre o romance de Padura. Esses autores descrevem pontos que parecem ser comuns a diversas sociedades no presente e abordam os desafios da história nesse contexto, como lidar com as demandas sociais e com as testemunhas vivas. Michael Pollak (1989) também se apresenta como útil para entender o que é o trauma e o silêncio das vítimas e a uma relativa “desmemória” da sociedade civil.

Tendo como base esses autores, pode-se afirmar que Padura escreve uma história dos acontecimentos, da memória coletiva, do pessimismo e do trauma. Abordando uma história do tempo presente, sua obra reflete sobre os dilemas dos cubanos na atualidade e discorre sobre fatos do presente, mas não se submete apenas ao imediato. Dialoga com questões do início do século XX e do passado recente da ilha, atendendo a demandas sociais por visibilidade e justiça diante de eventos históricos traumáticos.

Diante das semelhanças temáticas encontradas nas obras de Padura, entende-se que essa discussão pode ser estendida para outras aventuras de Conde. A reflexão proposta, portanto, não se encerra aqui. Mas ao final de *Pessoas decentes*, há uma conclusão que merece ser exposta: o posicionamento de José José, enquanto historiador, reflete uma perspectiva crítica em relação ao fim da história e um veredicto do passado. O autor mostra que a história é inacabada e, em tempos de crise, faz-se necessário recuperar uma abertura para o futuro a longo prazo, uma crença na história e não apenas no acontecimento.

Notas sobre a autoria

Gisele Pinheiro da Cunha é Doutoranda em História Política pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ) e bolsista FAPERJ. cursando especialização em Ensino de História no Colégio Pedro II, campus Tijuca. Mestre e licenciada em História pela UERJ. Realizou estágios em pesquisa no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e no Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI/UERJ). Foi bolsista residente no Programa de Residência Pedagógica (RP) financiado pela CAPES e bolsista de mestrado também pela CAPES. É integrante do grupo de estudos Americanizando: ideias migrantes, saberes em trânsito e bolsista PROATEC de Apoio Técnico IV no LABIMI. Tem interesse na área de História da América, com ênfase na independência de Cuba e na Revolução Cubana. Estudou no mestrado as influências das ideias de José Martí nos discursos políticos de Fidel Castro, entre 1959 e 1965..

Referências

Sites

NÚMERO de imigrantes cubanos que chegam aos EUA quase dobra após reformas na lei. *O Globo*, 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/numero-de-imigrantes-cubanos-que-chegam-aos-eua-quase-dobra-apos-reformas-na-lei-14208828>. Acesso em: 18 abr. 2025.

OBAMA chega a Cuba para visita histórica de três dias. *G1*, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/obama-chega-cuba-para-visita-historica-de-tres-dias.html>. Acesso em: 11 abr. 2025.

PADURA: “Minha Cuba a flor da pele”. Entrevista com Leonardo Padura feita por Rôney Rodrigues. *Outras Palavras*, 2024. Publicado em 10 de maio de 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/padura-minha-cuba-a-flor-da-pele/> Acesso em: 17 set. 2025.

ROLLING Stones fazem show histórico em Cuba. *BBC News Brasil*, 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160326_stones_video_tg. Acesso em: 11 abr. 2025.

Bibliografia

ARAUJO, Rafael. A América Latina e a história do tempo presente: teoria e olhares sobre uma história inacabada. In: SARMIENTO, Érica; AZEVEDO, André Nunes de (org.). *Migrações e cidades nas Américas: processos históricos e análises do tempo presente*. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2022. p. 149-165.

ASSMAN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CARDOSO, Rosane. Sobre a narrativa cubana contemporânea: o estilo *noir* de Leonardo Padura Fuentes. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 33, n. 1, p. 113-126, 2011.

CASONI, Gabriel de Freitas. Cuba de volta ao capitalismo? In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (org.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021. p. 474-493.

CHÁVEZ, Ernesto Rodríguez. A crise migratória de 1994. Balanço e perspectivas do fluxo emigratório cubano: 1984-1996. *Rev. Bras. Estudos Pop.*, v. 13, n. 2, p. 135-167, 1996.

COSTA, Rodrigo de Freitas. Articulações entre História, ficção e ensino de História: considerações sobre “Estações Havana”, de Leonardo Padura. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 12, n. 1, p. 359-372, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moares. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, Flávia Consentino; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio da (org.). *Tempo presente & usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. História, memória e patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 34, 2012, p. 91-111.

HARTOG, François. *Crer em história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PADURA, Leonardo. *Pessoas decentes*. São Paulo: Boitempo, 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. A revolução cubana e as intersecções de gênero, raça e sexualidade. In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lúcia Maria de Abreu (org.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021. p. 258-281.

SILVA, Maria Analice Pereira da. Utopia, compaixão e liberdade em Leonardo Padura. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 21, p. 66-89, 2016.